



## **A DISCURSIVIDADE NO ROMANCE *O ESPLendor DE PORTUGAL*: um olhar sob a perspectiva da Análise do Discurso**

Marcelo Alves Silva (PGEDU/UEMS)<sup>1</sup>

José Antonio de Souza (UEMS)<sup>2</sup>

### **Introdução**

No que tange às abordagens teóricas que ao longo dos tempos se dedicaram ao estudo de textos tidos como literários, Maingueneau (2006) ressalta que, desde o século XIX, as teorias críticas não lograram em suas análises o estabelecimento de um consenso entre texto, considerado estruturalmente e seu contexto, suas condições de produção. Ou se priorizava o externo (historicismo, biografismo, estilística, etc.) ou apenas sua forma/estrutura como fizeram o Formalismo e, mais profundamente, o Estruturalismo, sem relacioná-la efetivamente com o momento sócio-histórico do surgimento das obras. O Estruturalismo dos anos 1960-1970 levaria ao extremo a abordagem imanente do texto, cuja interpretação se fundaria em sua estrutura linguística, pois o texto, nesse sentido, falaria por si mesmo.

Apesar das inúmeras contribuições do Estruturalismo, Maingueneau (2006) lembra que novas correntes teóricas apontavam para outros caminhos, no sentido de superar posturas estanques quanto à análise do texto. Entre as várias questões que se colocariam acerca do objeto literário seria, uma delas, a impossibilidade de promover a interpretação de uma obra mediante a separação de texto e contexto. Nesse sentido, Maingueneau situa na década de 1990 uma virada efetiva das abordagens teóricas do discurso literário em que a Análise do Discurso (doravante AD), ganha maior fôlego e, na esteira de correntes teóricas de cunho pragmático-enunciativas, aponta para outras possibilidades, cuja *forma* e o *tema* deveriam ser considerados em uma relação de reciprocidade.

---

<sup>1</sup> Professor da rede pública estadual de ensino de Mato Grosso do Sul; aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, vinculado à linha de pesquisa *Linguagem, Educação e Cultura*, bolsista PIBAP.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do Programa de Pós-Graduação e Educação da Universidade Estadual de Mato grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, vinculado à linha de pesquisa *Linguagem Educação e Cultura*.

Buscamos empreender neste artigo uma análise do romance *O Esplendor de Portugal*, de Antonio Lobo Antunes, a fim de verificar sua *discursividade*, tomando como principal aporte teórico algumas noções discursivas apontadas pela AD. Assim, procuramos argumentar como se constrói o discurso no romance em questão, relacionando sua materialidade linguística (forma) com a realidade à qual o texto faz referência (tema) considerando, sobretudo, os conceitos de *discurso, sujeito, ideologia e identidade*. Contudo, propor tal abordagem, nos leva a algumas ponderações acerca do discurso literário, pois é preciso reconhecer suas especificidades.

### 1. Algumas especificidades do discurso literário

Embora o discurso literário não se distancie categoricamente dos demais discursos que circulam na/pela sociedade, ele apresenta algumas marcas que o diferenciam dos demais, uma vez que sua construção se orienta por diferentes perspectivas que afetam diretamente questões inerentes à sua produção/recepção. Sobre a enunciação literária, Cardoso (1999) ressalta a impossibilidade de se reduzir a figura do “autor” de um discurso literário à de um locutor comum, assim como não se pode dissociá-la totalmente dele. Há, assim, uma distância entre autor e leitor cujo contato só pode ser promovido pelo próprio discurso literário e seus rituais. O leitor precisa ter em mente essa distância, pois está diante de um “mundo inventado”, cuja existência se dá e se encerra no âmbito textual. Convém respeitar ainda a distância entre autor e leitor real do autor e leitor ficcional.

Um texto literário não escapa, contudo, ao intercâmbio linguístico ordinário, uma vez que apesar de seu caráter fictício se constitui como artefato linguístico. Considerando a linguagem sob uma perspectiva interativa em que as relações sociais se constroem nela/por ela, a obra literária sempre nos oferece uma imagem de dada realidade social. Contudo, a fidelidade ou não a tal realidade não pode ser vista como seu determinante valorativo. “Os ‘meios’ literários são na verdade fronteiras. A existência social da literatura supõe ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma e a de se confundir com a sociedade ‘comum’ [...]” (MAINGUENEAU, 2006, p. 91-92).

Desfigurar o real não implica necessariamente afastar-se ou negá-lo, já que, na perspectiva da AD, a linguagem não se desvincula das questões sócio-históricas, pois desde Bakhtin tem-se a noção de que a palavra será sempre o indicador das transformações sociais, haja vista a natureza ideológica do signo linguístico, sobretudo o verbal.

## 2. Discurso, sujeito, identidade e ideologia segundo a AD

“A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens.” (FERNANDES, 2008, p. 15). Sob a perspectiva da AD, a ideologia diz respeito a “uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica” (FERNANDES, 2008, p. 21) e que não se desvincula do signo independente de sua natureza. Contudo, “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2006, p. 45).

Embora o discurso não seja apenas a manifestação da língua, para que este possua uma existência necessita de elementos linguísticos, o que lhe confere uma materialidade. Assim, um discurso não se encerra em si mesmo, pois se constitui de uma parcela não linguística, que se encontra fora deste domínio, mas do qual depende para que possa ser apreendido. Em parte, “encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos empregados nas palavras quando elas são pronunciadas.” (FERNANDES, 2008, p. 13). As palavras, assim, estão sempre carregadas de sentidos de acordo com quem as emprega, visto que as tingem com sua visão, pois “A noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica de enunciação, do lugar histórico-social de onde enuncia; logo, envolve os sujeitos em interlocução.” (FERNANDES, 2008, p. 18-19). Os sentidos nunca são fixos, pois dependem das posições assumidas pelos sujeitos envolvidos no ato de interação.

O discurso se caracteriza como efeito de sentidos entre locutores e exige uma visão integradora no ato da análise, uma vez que “tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.” (ORLANDI, 2009, p. 22). Dessa forma, falar de discurso é ao mesmo tempo falar em sujeito que, para a AD, é concebido não em uma acepção subjetiva, não sendo, assim, considerado em sua individualidade. Este é um ser social, sua consciência é formada mediante a interação com outros sujeitos de um dado momento histórico; a “voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico.” (FERNANDES, 2009, p. 24)

Assim, o sujeito é caracterizado como disperso e sua consciência é algo forjado também pelo que lhe é externo e está sempre em transformação, já que, por ser exterior muda de acordo com o tempo e espaço em que se encontra. “[...] Os sujeitos resultam de uma

ligação da ideologia, inscrita histórico socialmente, com o inconsciente, que dá vazão à manifestação do sujeito.” (FERNANDES, 2008, p. 31). A partir desses conceitos, a identidade também se apresenta instável, pois está sempre em movimento na medida em que o sujeito transita por diferentes lugares e seu discurso é perpassado por outros, transformando-o, pois ele é interpelado por outros discursos. Proceder à análise de um determinado discurso é atentar-se para a materialidade linguística, é nela que podemos apreender as formas de manifestações de conceitos tais como os apresentados anteriormente, cuja materialidade se revela no texto.

Para a AD, um texto se revela em sua relação com o que lhe é externo, pois a linguagem nesse sentido não é transparente não se tratando, pois, da mera verificação de conteúdo, visto ser preciso “[...] compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história.” (ORLANDI, 2009, p. 19). A AD, ao apresentar filiações a outras áreas do conhecimento como a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo, promove ao mesmo tempo um alargamento das perspectivas apresentadas em tais áreas, pois

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2009, p. 19)

Assim, buscar compreender o(s) sentido(s) de um texto nos leva a relacioná-lo a suas condições de produção, considerando o momento sócio-histórico do qual emerge o discurso, bem como o lugar ocupado por cada sujeito responsável pela enunciação. A análise aqui sugerida considera que em *O Esplendor de Portugal*, a discursividade, materializada em forma de texto, é indispensável à apreensão do(s) sentido(s), sobretudo, mediante a relação entre sua forma e seu conteúdo.

### **3. *O Esplendor de Portugal*: a relação entre forma e conteúdo**

Em *O Esplendor de Portugal* Antonio Lobo Antunes aborda a questão da guerra colonial na África trazendo para o âmbito da ficção um tempo histórico que marcou/marca a nação portuguesa. Não havendo no livro em questão um narrador em terceira pessoa para mediar o discurso das personagens, estas são responsáveis pelas suas falas, configurando-se

assim como locutores. “As personagens de uma obra são locutores quando sua voz se deixa ouvir por meio do discurso direto. Nesse caso, podemos dizer que a personagem é responsável por *sua* enunciação.” (CARDOSO, 1999, p. 43). Por meio dos vários discursos que se manifestam ao longo da narrativa, o leitor acompanha as consequências desses acontecimentos nas personagens e, por extensão, na própria nação portuguesa. Para tanto o leitor é chamado a participar da construção do sentido da história desde seu início.

O enredo do romance retrata a vida de uma família de origem portuguesa, cujos integrantes nasceram em Angola: a mãe Isilda, o pai Amadeu e os filhos Carlos, Rui e Clarisse. Quando a guerra civil acontece, Amadeu já se encontrava falecido assim como os pais de Isilda, restando à matriarca a responsabilidade de administrar a fazenda na Baixa do Cassenge (Angola). Iniciada a guerra, Isilda embarca os filhos para Lisboa, mas permanece em Angola, na companhia dos criados (Damião, Fernando, Josélia e Maria da Boa Morte). Como resultado do confronto, ocorre a independência angolana. Os ex-colonos têm suas fazendas invadidas e passam a viver diversas barbáries, já que o término da guerra (11 de novembro de 1975) não significou o fim dos conflitos.

Os grupos nacionalistas (MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola e UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola) disputam o domínio de Angola. Esses grupos, que no início de 1960 surgiram para combater o colonialismo português, com a independência tornam-se rivais políticos e passam a se enfrentar em lutas armadas. Por meio das vozes das quatro personagens principais, tem-se o relato de uma história de degradação familiar em solo africano, assim como a fragmentação dessas personagens que pode representar a fragmentação ou estilhaçamento angolano, com reflexos em Portugal.

*O Esplendor de Portugal* revela-se, em seu aspecto semântico, irônico e o receptor precisa estar a par desse contexto reconhecendo o processo de ironia exposto no romance. A trajetória malograda das personagens aponta para a desconstrução do significado expresso inicialmente no título e na epígrafe do livro, pois ao usar o hino nacional português como epígrafe o autor contrapõe um passado, visto como grandioso, a uma realidade nada esplendorosa. “Heróis do mar, nobre povo, /Nação valente e imortal,/Levantai hoje de novo /O esplendor de Portugal!/Dentre as brumas da memória/ Ó Pátria sente-se a voz /Dos teus egrégios avós [...]” (ANTUNES, 1999, p. 3).

A alusão à “glória” portuguesa abre espaço para uma perspectiva crítica cuja participação do interlocutor torna-se indispensável, uma vez que não é feita de forma direta, mas sim pelo reconhecimento de incompatibilidade entre o que está expresso no título e o que

é apresentado ao longo da narrativa. Assim, as condições de produção de tal discurso permitem que o hino, assim como o título da obra, sejam interpretados pelo viés irônico, pois seu sentido já não é o mesmo, uma vez que os feitos tidos como gloriosos já ficaram no passado. Já distantes do esplendor econômico português do século XVI, o interlocutor capta a ironia expressa no texto, pois o discurso irônico deve-se em grande parte ao caráter interacional da linguagem. O locutor, “ao mesmo tempo em que *usa* a expressão, *mostra* (mesmo sem marcá-la explicitamente) que ela não é adequada e que deve ser lida com outro significado.” (CARDOSO, 1999, p. 71).

O romance também apresenta uma estrutura interna que se mostra em confluência com sua temática, a representação da narrativa segue direção contrária ao discurso linear. Assim como a história narrada evidencia um universo marcado pela fragmentação e desencontros, que assinalam um momento de ruptura com um passado representado por valores tradicionais, sua estrutura interna também se apresenta de forma fragmentada. O entrecruzar das vozes narrativas e dos planos temporais, as variações gráficas, a fragmentação das próprias personagens, conferem ao romance uma aparente desordem discursiva. No que diz respeito à escrita, a linguagem tradicional é quase que abolida em favor de um discurso nada linear. Os recursos gramaticais e gráficos utilizados pelo escritor são extremamente relevantes ao sentido do livro; o uso do parêntese, do itálico, a repetição de frases são algumas marcas que evidenciam as múltiplas formas que o discurso assume em forma de texto.

[...] ao voltar à fazenda, mesmo antes de pôr os criados na ordem e escrever aos meus filhos a informá-los que cheguei bem, estou bem, hei-de estar bem  
*colocavam-me uma almofada no assento para ficar mais alta, tão alta como eles e as sobranceiras para mim em vizinhas de papel de seda*  
- *Que crescida*  
não há problemas aqui, [...]. (ANTUNES, 1999, p. 29).

Em itálico têm-se a marcação de um tempo passado relacionado à infância da personagem (Isilda) que, na memória, confronta esse passado com o presente do qual busca fugir. Essas inserções são constantes ao longo da narrativa. Na materialidade linguística se percebe o embate ideológico da personagem que, afetada por diferentes momentos históricos, mostra-se cindida entre duas realidades. Por meio da forma assumida na escrita, revela-se a influência das condições de produção dos discursos, ao mesmo tempo em que se constata a dispersão/descentralização da personagem, afetada pelo real linguístico e histórico de forma não controlada, pois “o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.” (ORLANDI, 2009, p. 20).

Evidencia-se a heterogeneidade discursiva, na medida em que podemos notar no discurso da personagem o entrecruzar de vozes oriundas de diferentes momentos históricos. Fernandes (2008, p. 35) considera “Heterogeneidade não-mostrada (presença implícita de outras vozes constitutivas da voz do sujeito) e heterogeneidade mostrada (presença explícita de outras vozes, marcadas, na voz do sujeito)”. Nota-se, no discurso da personagem Isilda, a heterogeneidade mostrada mediante o uso do itálico, demarcando, assim, diferentes sentidos já que as condições de produção do discurso se alteram. Ao pensarmos o discurso das personagens dentro de uma dada formação discursiva, notamos que suas vozes se inserem em uma memória discursiva por muito tempo presente no imaginário português, porém, com o processo de descolonização sofre profundos abalos ideológicos. “Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.” (FERNANDES, 2008, p. 49).

Ao discutir o conceito de formação discursiva, Fernandes (2008) ressalta que cada enunciado tem seu lugar e sua regra de aparição, já que as estratégias que o engendram emanam de um mesmo jogo de relações, uma vez que um dizer tem espaço em um lugar e época específica. Todavia, no interior de uma formação discursiva encontramos “[...] elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, [...] possibilitando outros efeitos de sentido.” (FERNANDES, 2008, p. 45).

Voltando ao romance em questão, as personagens expressam em seus discursos, diante de uma nova realidade (a descolonização), a impossibilidade de manutenção dos sentidos/valores de outrora, revelando-se como sujeitos fragmentados, uma vez que as condições de produção não permitem a manutenção da ideologia colonial. Espaço e tempo agora se caracterizam pela decadência e inversões de papéis provocados pela perda da última colônia.

[...] o Governo acabava de requisitar o que me pertencia, decidir utilizar o que me pertencia até ao termino da guerra, o cabinda sentado e eu em frente dele, eu a preta, a criada, a bailunda do Huambo, em frente dele a ler o papel, a lê-lo de novo, a repetir a leitura enquanto o alferes se penteava ao espelho como meu pente e experimentava a minha laca  
- A tua casa é do povo camarada (ANTUNES, 1999, p. 82).

Isilda se vê obrigada a renunciar sua casa, assim como Portugal, forçosamente, precisa abrir mão de sua última colônia. A perda do lugar de origem aponta para a falência de velhos valores e a necessidade de romper com um passado ufanista em relação à ideia de pátria; o

discurso da personagem Isilda revela um momento de transformação no contexto colonial “[...] o meu pai de lenço na cara – Não, a garantir-nos que Angola acabou para mim, não somente a Baixa do Cassange, o nosso algodão o nosso arroz, o nosso milho, Angola, Angola inteira toda” (ANTUNES,1999,p. 201).

Com a independência angolana, cessa o processo de exploração colonial acarretando uma crise socioeconômica e também de identidade tanto em Portugal quanto em Angola. As personagens não se sentem à vontade para retornarem a Portugal, pois se consideram rejeitados da mesma forma que são em Angola. Recorrendo a autores como Stuart Hall, Fernandes (2008, p. 33) ressalta que a identidade é apresentada como resultado das novas relações sociopolíticas na sociedade, caracterizando-se como inacabada, transitória, mutante e instável. “O sujeito, assim como a identidade, está sempre em movimento, deslocando-se constantemente, e cada lugar ocupado por ele o faz mostrar-se outro, diferente de si, o que atesta o caráter contraditório e inacabado da identidade.”

Fruto de uma relação extraconjugal de seu pai com uma africana, o personagem Carlos possui características que o tornam exemplo deste “não pertencimento”; sua condição de mestiço o situa em uma região fronteira entre as duas culturas. Criado por Isilda, Carlos certamente assimila costumes europeus, mas opõe-se, muitas vezes, aos irmãos, filhos legítimos, na medida em que revela suas fortes ligações com Angola

*Maria da Boa Morte Maria da Boa Morte Maria da Boa Morte*

[...] sempre de cigarro aceso com a brasa a arder no interior da boca, quando eu era pequeno gostava do cheiro de gordura frita dela, do cheiro de cigarro, da água-de-colônia de que a obrigavam a encharcar-se para apagar a catunga, Maria da Boa Morte *Maria da Boa Morte* (ANTUNES, 1999, p. 18)

O retorno forçado de Carlos e seus irmãos a Portugal evidencia que, uma vez em solo português, as indefinições se acentuam. Ora negando ora identificando-se com Angola, Carlos vê-se em um constante oscilar de personalidade revelando-se afetado por diferentes ideologias. “[...] cada lugar sócio-histórico construtivo do sujeito e da identidade resulta, em sua constituição, de uma heterogeneidade, e se constitui pela inter-ação com outros diferentes lugares.” (FERNANDES, 2008, p. 33). Se em certos momentos, Carlos expressa aproximação com a África, já que se identifica, em certa medida, enquanto africano, em outras passagens revela aversão a esta mesma terra. Carlos condena a atitude da esposa Lena por ter trazido a Lisboa as máscaras africanas que, de certa forma, evocam-lhe lembranças que remetem à sua condição de mestiço.

[...] trouxe as máscaras para me fazer ver que não nasci na propriedade como os meus irmãos, nasci no bairro dos funcionários da Cotonang ou nem no bairro, nas cabanas dos empregados fora do arame que se ocupavam da limpeza, da cozinha, da garagem, do ar condicionado da administração, [...]. (ANTUNES, 1999, p. 117-8).

Tal como Carlos, Lena sente-se incompleta já que, apesar de branca, pertence à classe menos favorecida da qual busca desvincular-se. Alvo de preconceitos por parte do próprio Carlos, a personagem Lena também representa, pelo viés social, essa origem ambígua dos ex-colonizadores, como podemos perceber no discurso de Carlos:

[...] a Lena metendo-se entre mim e a minha família, a filha de um empregado da Cuca a viver com um cacho de primos a cem metros do bairro Marçal, nunca disse por vergonha a nenhum colega de liceu que namorava com ela [...]. (ANTUNES, 1999, p.12-13).

É por meio das impressões de Carlos que traçamos uma possível compreensão de Lena que, segundo ele, o repele por ser mestiço: “e nisto ao cabo de dezoito anos de casado e cego entendi que não queria engravidar de mim para não trazer a vergonha de um mestiço na barriga” (ANTUNES, 1999, p. 90). Torna-se difícil saber realmente quem é Lena, uma vez que as imagens e ações da personagem nos são transmitidas por Carlos como se este a projetasse a partir de sua própria interioridade. A constatação, por parte de Carlos, de que a esposa não o aceita enquanto mestiço, negando-lhe inclusive um filho, revela seus próprios conflitos interiores, sendo a esposa, assim, reflexo de suas inquietações. Na perspectiva da AD, o sujeito é considerado contraditório, incompleto, embora se pretenda inteiro “o centro da relação não está, como nas concepções anteriores, nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só se completa na interação com o outro.” (BRANDÃO, 2010, p. 55). Outra personagem marcada por essa fragmentação individual é a matriarca Isilda que é, desde o início da narrativa, caracterizada pela impossibilidade de reconhecimento próprio, pois é visível em Isilda um conflito interior caracterizado pela angústia do não reconhecimento.

[...] e senti o ventre aumentar na escuridão do quarto com aquilo que não é um filho, não é um inchaço, não é um tumor, não é uma doença, é uma espécie de grito no corpo inteiro como o uivo dos cães, agarrei a cabeceira com força até o vento desistir... *há qualquer coisa de terrível em mim*. (ANTUNES, 1999, p. 30).

#### **4. Aspectos ideológicos em *O Esplendor de Portugal***

Embora haja momentos em que o único fator diferenciador entre brancos e negros seja a cor da pele, os protagonistas não conseguem se despir da ideologia colonizadora, perpetuada

por séculos e transmitida de uma geração para outra. Isilda procura se convencer dessa condição social “superior” indagando à mãe: “– Sou branca não sou branca mãe?” (ANTUNES, 1999, p. 248). As personagens reconhecem a violência advinda do processo de ocupação das terras africanas, mas como se percebe, mostram-se interpelados por pontos de vistas ideológicos divergentes.

Para representar um universo em declínio, a escrita de Antonio Lobo Antunes está fundamentada pela fragmentação dos elementos estruturais do romance; em *O Esplendor de Portugal* tempo, espaços e perspectivas se entrecruzam na memória das personagens-narradoras. Lobo Antunes lança seu olhar sobre a problemática da colonização/descolonização, discutindo questões como a fragmentação da identidade, do colonizado e do colonizador. Essa fragmentação da nação já é sentida, por exemplo, na obra de Fernando Pessoa que, em *Mensagem*, já advertia: “[...] Tudo é disperso, nada é inteiro./Ó Portugal, hoje és nevoeiro... /É a Hora!”. Contudo, em Pessoa, no início do século XX, pode-se observar ainda o desejo de colocar/recolocar Portugal no “topo”, pois como está posto no último verso do poema “Nevoeiro,” que integra o livro *Mensagem*, o “eu” lírico lembra que “é a hora”, sendo possível ainda a manutenção da ideologia imperialista.

Tanto pelo título do livro quanto pela presença irônica do hino, o discurso em *O Esplendor de Portugal* estabelece uma interdiscursividade que, oriundos de uma mesma memória discursiva, encontram no livro em questão sentidos diferentes. Diante de novas condições de produção, a narrativa aponta para outros significados. “As alterações político-ideológicas nos discursos decorrem da mudança de sujeitos em cena, ou da transformação dos sujeitos na linha do tempo, o que implica mudanças no espaço social.” (FERNANDES, 2008, p. 47). Lobo Antunes desconstrói e ironiza a ideologia de superioridade construída ao longo dos séculos de colonização no imaginário português, uma vez que o discurso aponta para a impossibilidade de manutenção de tal ideologia.

### **Considerações finais**

A desconstrução por meio do discurso irônico já anunciado no título do romance de Lobo Antunes é fechado com a expressão final “FINIS LAUS DEO” (ANTUNES, 1999, p. 381). Se encararmos “o fim do louvor a Deus” como uma expressão cujo significado deve ir além de um ceticismo ateu, percebemos que esta aponta para o fim da trajetória colonizadora de uma nação que “plantara uma cruz em cada continente” e agora precisa aceitar a perda de todas as colônias e suas consequências. Ao representar um mundo

fragmentado marcado por conflitos ideológicos, o escritor opta por uma linguagem igualmente fragmentada, evidenciando uma inter-relação entre forma e conteúdo. Nessa perspectiva, os sentidos apreendidos no texto se sustentam na sua *discursividade*; e verificar a materialidade linguística é adentrar no mundo do qual o discurso emergiu. Assim, a AD torna-se, embora não seja a única, uma poderosa ferramenta de análise do romance em questão, uma vez que segundo essa teoria, forma e conteúdo não se separam no ato da análise, pois se refletem e se condicionam.

A análise proposta por este trabalho buscou, sobretudo, evidenciar a relação entre linguagem e história na medida em que no mapeamento dos possíveis sentidos da obra verificamos que, ao observarmos a configuração textual do romance de Lobo Antunes, pôde-se perceber que para apreendê-los foi preciso recorrer aos acontecimentos ligados à história. Verifica-se, assim, que foi preciso ir além do texto, considerando o(s) momento(s) histórico(s) representado(s), ficcionalmente, pelo discurso. Como vimos, noções como de sujeito, identidade, ideologia, entre outros, só podem ser ampliadas por meio dessa vinculação, e os pressupostos da AD configuram-se como um aporte teórico significativo para tanto. Evidenciar tal vinculação, mesmo que brevemente, foi o que procuramos fazer ao longo deste trabalho.

## Referências

- ANTUNES, António Lobo. *O Esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. 12. ed. HUCITEC, 2006. Disponível em: <[http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Marxismo e filosofia da linguagem.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Marxismo_e_filosofia_da_linguagem.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- BRANDÃO, Helena H. Nagaramine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas. SP: Unicamp, 2004.
- CARDOSO, S. H. Barbosa. *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Autêntica (FALE), 1999.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 6. ed. São Paulo, Cortez: Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PESSOA, F. *Mensagem*. MARTINS. F. C. (Org.). São Paulo: Cia. das Letras, 2001.